

'O VÔO DOS PÁSSAROS SELVAGENS'

A evocação do amor, num canto à liberdade

Indicado por um júri popular e por outro formado por integrantes dos demais grupos participantes do III Festival Capixaba de Teatro Amador, o espetáculo **O Vôo dos Pássaros Selvagens** será o representante do Espírito Santo no próximo Festival Nacional de Teatro Amador a ser realizado no mês que vem em Ouro Preto, Minas Gerais. Montado pelo grupo Canela-Verde e dirigido por um jovem ator capixaba, Marcos Pimentel, **O Vôo** foi escrito por Aldomar Conrado e é uma evocação às diferentes formas de amor tratadas do modo ritualístico.

Luiz Tadeu Teixeira

O Vôo dos Pássaros Selvagens, texto de Aldomar Conrado, em montagem do Grupo Canela Verde, foi o vencedor do III Festival Capixaba de Teatro Amador, promovido recentemente pela Fecata em Cachoeiro do Itapemirim, com patrocínio da Prefeitura local e apoio do Departamento Estadual de Cultura, Inacen e Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vitória. Além da premiação relativa ao "melhor texto", de acordo com um júri constituído por integrantes dos demais grupos participantes e representantes da plateia, o espetáculo recebeu também a de "melhor direção", assinada pelo capixaba Marcos Pimentel, o que lhe deu o direito de representar o Espírito Santo no III Festival Nacional de Teatro Amador, a ser realizado no próximo mês na cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais.

Eleazar Pessoa, que já foi presidente da Federação Capixaba de Teatro Amador e atualmente é representante da entidade junto à Confenata (Confederação Nacional de Teatro Amador), Collete Dantas, sua mulher e também dirigente da Fecata, e Marcos Pimentel, o diretor da peça, são seus únicos intérpretes. Montada em pouco tempo (menos de dois meses de ensaio), **O Vôo dos Pássaros Selvagens** teve sua estréia promovida em Cachoeiro durante o Festival. Agora, aguarda a confirmação de novas datas para a realização de outras apresentações, antes do embarque para Ouro Preto. O grupo lamenta a falta de espaços não só para temporadas da peça, na capital e no interior, como também para ensaios, "principalmente



Collete Dantas, Eleazar Pessoa e Marcos Pimentel (também diretor) formam o trio de intérpretes da montagem capixaba de O Vôo dos Pássaros Selvagens que representará o Espírito Santo no próximo Festival Nacional de Teatro Amador, marcado para Ouro Preto

Caderno Dois

levando-se em consideração que o espetáculo foi concebido em função de um plano de luz, o que exige um local especial, com recursos necessários, para que possa ser devidamente afinado".

Enquanto aguarda a cessão do local para os acertos necessários no espetáculo e também testá-lo junto a outras platéias, o Grupo Canela Verde pretende desenvolver um projeto junto a Prefeitura de Vila Velha visando promover animação teatral em escolas localizadas em comunidades daquele município. Nela, procurarão estimular a for-

mação de grupos nos bairros, transmitindo aos interessados "noções básicas de teatro e informações para o desenvolvimento da atividade e o estímulo à interação entre seus elementos".

Somando esforços

Sexta montagem do Grupo Canela Verde de Teatro Amador, **O Vôo dos Pássaros Selvagens** marca a estréia de um jovem ator capixaba na direção. Marcos Pimentel residiu durante mais de três anos no Rio de Janeiro, onde frequentou

diversos cursos livres de teatro, promovidos pelo Inacen e pela Casa das Artes de Laranjeiras (Cal). E concluiu o de ator, a nível profissionalizante, com a duração de dois anos.

Retornando a Vitória, Marcos integrou-se ao movimento teatral capixaba, participando de oficinas promovidas pela Fecata e atuando junto a grupos amadores da cidade, inclusive o Movimento, que prepara uma remontagem de **Xandu, o Palhaço Mais Feliz do Mundo**, texto de Wanda Santos Silly vencedor do III Concurso Capixaba de Dramaturgia — Prêmio "Pernambuco de Oliveira" — Categoria Infantil, realizado pelo Dec e Inacen.

O encontro de Marcos com o Grupo Canela Verde ocorreu casualmente, como ele mesmo conta:

"Decidi participar do seminário e das oficinas promovidas pela Fecata em Colatina, no mês de abril passado, e embarquei para aquela cidade. No ônibus, conheci o Eleazar Pessoa e a Collete, que ensaiavam a algum tempo **O Vôo**. Em conversa com eles, fui informado da proposta que desenvolviam e, após uma troca de idéias, decidimos juntar nossas experiências.

O Grupo Canela Verde montou anteriormente as peças infantis **Parque da Lua**, de Beto Costa; **Pinta Cor e Rairou** e **a Serpente Que Roubava Alegria**, do autor brasileiro Luiz Carlos Lacerda. O grupo também foi o responsável pela primeira montagem dos textos históricos **Frei Pedro**, de Paulo de Paula e Ivan Reis, e **Auto da Colônia**, ambos incluídos na programação oficial elaborada pela Prefeitura daquele município para comemorar suas datas mais importantes: a Festa da Penha e a Colo-

nização do Solo Espírito-Santense. A única montagem adulta até então produzida pelo grupo foi **O Espírito do Santo**, criação coletiva realizada em 1983 e apresentada em festivais de teatro amador promovidos no Nordeste do país.

Pela primeira vez, o Grupo Canela Verde produz um espetáculo cujo texto não foi escrito por um capixaba. A escolha de **O Vôo dos Pássaros Selvagens**, partiu de Collete que, morando em Recife, o conhecera através da montagem realizada pelo Grupo Hermilo Borba Filho, daquela cidade, há quase dez anos.

"Quando o vi fiquei logo apaixonado pelo texto", reconheceu Collete, "e decidi que um dia iria montá-lo. Trabalhando em Vitória, após algumas experiências com o grupo Canela Verde, chegamos à conclusão de que era a hora de montar uma peça com poucos personagens que tratasse de um tema que se abrisse para uma temática universal".

Collete é casada com Eleazar, a quem mostrou o texto, publicado em **Cadernos** por Maria Clara Machado, diretora de O Tablado, uma das mais tradicionais escolas de teatro do Rio de Janeiro. Collete e Eleazar são os dois principais animadores do Grupo Canela Verde e, após uma leitura mais atenciosa do texto, nele identificaram algumas propostas que julgaram oportunas, optando imediatamente por sua montagem.

Para Eleazar, "o teatro brasileiro, ultimamente, não está voltado para a juventude". Esta observação motivou a decisão de montar a peça, como explicou.

"Decidimos isto, porque a peça apresenta uma visão bem moderna do relacionamento de um casal de jovens que, ao mesmo tempo, pode ser identificado com vários outros. Há um clima ritualístico e a proposta de uma representação dentro da representação. O casal cria um mundo próprio, cíclico, onde não há nada que se acabe,

mas sempre um recomeço em suas vidas.

Os propósitos de Eleazar e Collete se juntaram aos de Marcos Pimentel, que se mostrou interessado sobretudo em desenvolver pesquisas relacionadas com os postulados do "teatro total" desenvolvidos pelo teórico e visionário francês Antonin Artaud nas décadas de 30 e 40. Nesse sentido, aprofundaram as possibilidades expressivas resultantes da utilização de recursos de luz, som e ambientação para dar formas arrojadas ao espetáculo. Para Marcos, o resultado superou as expectativas.

"Minha participação veio permitir que se encontrasse um ponto de equilíbrio entre os dois intérpretes. Até então eles se dirigiam mutuamente, acumulando funções, mas sem o distanciamento crítico necessário para avaliar a evolução do trabalho. Assim, foi possível avançar por este caminho e também cuidar do visual do espetáculo".

Pela reação do público presente à estréia do espetáculo em Cachoeiro, Eleazar, Collete e Marcos concluíram que o objetivo por eles pretendido foi atingido completamente, "com momentos que se tornaram inesquecíveis para a plateia, obtidos através de efeitos especiais, permitindo a criação de imagens fotográficas e estimulando a reflexão".

No curso que frequentou na Cal do Rio, antes de voltar para Vitória, Marcos participou da montagem de dois espetáculos realizados como meio de avaliar o aproveitamento dos alunos: **A Navalha na Carne**, de Plínio Marcos, e **Hoje É Dia de Roch**, de José Vicente. E se mostrou entusiasmado com as experiências práticas que têm desenvolvido desde então. A elas veio se juntar agora **O Vôo dos Pássaros Selvagens**, que ele considerava um texto em que se "questiona o ser humano e as diferentes formas de amor, possibilitando aos atores exercitarem-se de modo bastante profícuo, vivendo vários personagens em um só".

Poema a duas vozes

O texto de Aldomar Conrado é o que se poderia definir como um poema dramático a duas vozes. Os dois personagens principais (Mário e Maria) seriam, na verdade, um só, (ou as duas faces de uma mesma moeda). Há também um terceiro, que é uma espécie de conexão com o mundo exterior. A estrutura do texto é proposta como um cerimonial, o que, de certo modo, segue a proposta de Artaud. Em ato único, tem suas partes apresentadas como "noites" e no início os atores recitam um texto inspirado na Bíblia e utilizado nas missas católicas: "Entraremos no altar do homem, do homem que enche nossa alma de alegria..." A seguir inicia-se a celebração propriamente dita, invocando-se ora "o amor da mulher e do homem" ora o "amor que não ousa dizer o seu nome" (do homem para o homem ou da mulher para a mulher).

O Vôo dos Pássaros Selvagens teve uma montagem profissional, realizada no Rio de Janeiro, apresentada em Vitória em 1975. No elenco, Camila Amado e Nelson Caruso viveram Mário e Maria, dirigidos por Aderbal Júnior. Aldomar também escreveu **O Capeta de Caruaru**, talvez a mais bem sucedida montagem do grupo capixaba Geração, na época ligado ao Teatro Estúdio da então Fundação Cultural.

A montagem, realizada em 1976 e dirigida por Antônio Carlos Neves, foi elogiada pelo autor e obteve boa receptividade no Festival Nacional de Teatro Amador, promovido em Salvador, Bahia.

Para Eleazar, o texto de **O Vôo dos Pássaros Selvagens** foge, de algum modo, ao que se poderia esperar de Aldomar, considerando-se sua peça mais conhecida (**O Capeta**), "onde é predominante o espírito da sátira". O ator capixaba entende que "tendo a peça sido escrita no Governo Médice, retrata uma época em que as pessoas eram mais fechadas dentro de si, por medo de se exporem e sofrerem as consequências da repressão política. Deste modo, o casal retratado na peça acaba criando um mundo próprio no qual se refugia.

Nem só de boas intenções se faz uma revista musical...

Foto de Marco A. Coutinho



Márcia Mendes e Denir Nascimento em 'Da Cooperativa ao Crime Organizado', comédia musical em cartaz no Carlos Gomes

Luiz Tadeu Teixeira

O propósito de assumir a comédia como meio de conquistar platéias (que parece ser um recurso extremo do teatro capixaba) só se mostra fácil na aparência. Através dos séculos, a tradição teatral vem dizendo que "é muito mais fácil fazer chorar do que rir". Na tragédia, existem circunstâncias que permitem maior e mais rápida identificação do espectador com as situações e, principalmente, com o sentimento dos personagens em relação aos fatos apresentados. Este aspecto seria suficiente para justificar a perenidade de obras como **Édipo Rei**, **Hamlet**, **Fedra**, entre outras grandes obras trágicas da dramaturgia universal que, frequentemente, sobrevivem a encenações catastróficas.

O mesmo não ocorre com as comédias. Por melhores que sejam, raramente se tornam suportáveis quando a encenação carece dos elementos fundamentais que garantem sua eficiência. Dependem, principalmente, da capacidade dos intérpretes em estabelecer com a platéia uma certa cumplicidade. Além disso, é preciso um senso especial de ritmo que, basicamente, deve ser um elemento natural no temperamento do ator que será trabalhado com técnica para aflorar com a necessária precisão. É evidente que existe o humor fácil, do tipo pastelão ou circense, mais ou menos chulo, que se sustenta ora em apelos de baixo calão ora na capacidade histriônica, ou acrobática dos intérpretes, como é o caso, por exemplo, dos palhaços trapalhões. Tal estilo dirige-se mais especialmente ao público infantil (na idade ou na mentalidade). O humor dito fino, inteligente, que requer um texto com situações consistentes e personagens bem-construídos, permitindo

aos atores um trabalho de composição mais apurado, é outra história.

Diante da sinopse de **Da Cooperativa ao Crime Organizado** (montagem do Grupo Terra, que pela segunda vez utiliza como material de trabalho um texto de Alípio César), a expectativa de se ter uma comédia de situações é grande. Visto em cena, contudo, o resultado, excessivamente tênue, mostra-se frustrante. Para salvá-la seria indispensável que se optasse visceralmente pela linha da chanchada. E se transformasse o texto num "pretexto", como fazem Dercy Gonçalves, Jorge Dórea, Regina Casé e outros mestres do humor livre. Tal, porém, não acontece, apesar das boas intenções da equipe e de todo o elogiável empenho em produzir um trabalho bem-acabado.

Como o texto não ajuda, a direção também hesita entre a linha que seria indicada para uma comédia de situações e o humor solto. E os atores ficam sem o apoio necessário para seu voo. Naturalmente, como o autor e o diretor (Renato Saudino) anunciaram sua disposição em optar pela inspiração no teatro de revista (ou no seu ritmo), as interpretações, o tanto quanto possível deveriam se manter, uniformemente na linha histriônica. Contrariamente, há um desnível acentuado no tom dos intérpretes, na empostação que dão aos personagens.

Falar no trabalho dos atores, tendo como referência um espetáculo de estréia, principalmente conhecendo-se a realidade do teatro capixaba, é por demais perigoso. As condições, geralmente adversas, em que são promovidas afetam de modo especial seu trabalho. Nada, contudo, justifica o atraso de 40 minutos para o início do espetáculo. Nem a atitude pouco

profissional de rir em cena de sua pretensa graça. Afinal, quem pagou para rir foram os espectadores...

Infelizmente, os atropelos da estréia não justificam o tom soturno que paira sobre a cena, agravado pela presença de pesadas cortinas pretas, por uma iluminação de cima para baixo (que recusa mostrar o rosto dos atores que estão na boca de cena) e a pouca inspiração dos figurinos. Uma deficiência que se tornou uma constante no teatro capixaba é, por isso, imperdoável: nossos atores, com raríssimas exceções, cantam mal. E, todos, nada dançam. Cantar e dançar é o mínimo que se pode esperar num musical que se propõe a ser produzido com um certo rigor profissional. No mais, é querer dar um salto maior que as pernas. E, aí, o tombo é certo.

Da Cooperativa ao Crime Organizado — Comédia musical de Alípio César. Montagem do Grupo Terra. Cenários e direção: Renato Saudino. Direção musical e arranjos: Tião Oliveira. Iluminação: Ari Roaz. Figurinos: Renato Caseira e Renato Saudino. Elenco: Alvarito Mendes Filho, Márcia Mendes, Renato Saudino, Geisa Ramos, Ari Roaz, Vania Fidalgo, Denny Nascimento, Paulinho da Silva, Ignácia Freitas, Mercedes Lubiana, Ribamar SS e Leny Ramos. Patrocínio DEC/Sedu, Inacen e Prefeitura de Vitória. Apoio cultural: Unicafé, Malharia Sete Manias, Livraria da Praia, Café 366 e Beth Osório. Em cartaz no Teatro Carlos Gomes. Sessões hoje e amanhã às 19 e 21 horas. Ingressos a Cz\$ 40,00, com descontos de Cz\$ 10,00 (filipetas).

Mais teatro na página 3

SÁBADO, 24 DE MAIO DE 1986

BR.1BES.C.573
10

TE 502

Da Cooperativa ao Crime Organizado